

A ROTA DOS ESCRAVOS: CONTRIBUIÇÃO AO ESTUDO DA ESCRavidÃO NO AGRESTE DE PERNAMBUCO

Alberto Frederico Lins

Universidade Federal de Per-
nambuco.

No agreste de Pernambuco, a escravidão não medrou nem criou raízes, com a força e a corrupção imperantes na zona da mata litorânea, onde os senhores de engenhos exerciam o mando absoluto. Ali no penepiano civilizado, humanizado quase dois séculos depois da descoberta, o planalto agrestino de tapuias, até a chegada dos brancos que os afastaram para os confins do Panema e do Ororubá. O ambiente social não favoreceu o tráfico, organizado que foi sitiantes, vaqueiros e agricultores pioneiros na luta diária da fixação distante da exploração da mão-de-obra do sul, onde senzalas manchavam os canaviais. Delas saía o grito de dor e de revolta da raça dessangrada viva, submetida à força e à margem da lei, revelando a covardia da sociedade de duas faces, que punia o homem escravo e deitava-se com a mulher cativa.

A dificuldade do acesso às terras altas do agreste e a pobreza colonial, aliada à displicente e preguiçosa disposição do povo, eram obstáculos, mas não evitaram que, fugindo ao garrote e à chibata de seus senhores muitos negros aproveitassem alguma oportunidade favorável e ganhassem as margens do Ipojuca, saindo de Escada contra a barreira das Ruças, subindo o "caminho das boiadas", e no rastro destas, gozando da liberdade lá em cima. Pobre liberdade de lutas infindáveis, de disputas peito a peito com a natureza hostil, de embate sem trégua contra a fome, o tapuia e a onça malhada, de qualquer forma liberdade. O terror, nas noites da serra-nia, ao esturrar, no emaranhado das macegas, a suçarana faminta, valia bem os gritos dos cabos de eito. Além de dis-

tante e de difícil acesso, servia a região de abrigo a negros arribados, quilombolas e bandoleiros perseguidos. Inúmeros desses pretos amasiavam-se com índias e até brancas, levando-as nas suas incursões esporádicas roubavam, também, negras que viviam mais ao Sul, amancebavam-se e procriavam nas brenhas.

A rota batida desse “Caminho do Ipojuca”, levava-os às encostas da Borborema, que, vencidas, os despejavam no vale que ia dar, cortado pelo rio, nos confins do agreste, à porta dos sertões. Caminhavam dos verdes pastos do Cabo de Santo Agostinho, do Recife, e de Santo Amaro do Jaboa-tão, — sujos do sangue e do suor de agonia de cinco gerações massacradas debaixo da cobiça dos senhores — no rumo das devezas e serrotes, plainos e rerechãs ensoalhados, onde desfrutariam da liberdade. De outro modo a vida só se lhes oferecia a humilhação das cozinhas das casas-grandes, ou a dura faina dos canaviais.

O sentir-se liberto valia soberanamente a dificuldade da fuga e a solidão da cordilheira perigosa. Não só o escravo ia buscar o refúgio lá em cima: o vaqueiro, o almocreve, o boiadeiro ou o tangerino desgarravam-se das manadas e fixavam-se nas margens do rio, arranchando-se em pousadas que, mais tarde, originariam as atuais cidades do agreste meridional. Deixaram assim a subserviência nas casas grandes dos vales do Una, do Pirapama e do Capibaribe conquistando as Ruças, vencendo a Borborema, construindo suas existências em liberdade. As cidades do agreste foram erguidas por homens livres. Não possuem o ranço do suor escravo e a inhaca das senzalas, o cheiro acre do sangue derramado nos troncos e da peia. A aristocracia canavieira beneficiava apenas os que nasciam nas casas senhoriais ou nelas casavam, emprenhando sinhazinhas, para os que lhe viviam sujeitos significava pesadíssimo e frustrante fardo e humilhações incontáveis. Compreende-se pois que grande número de agregados preferisse as terras altas gravataenses, ainda não corrompidas pelo escravismo e nem manchadas do suor das senzalas litorâneas.

Mesmo depois que as taperas dos ranchos transformaram-se em povoações, no primeiro quartel do século XIX, o espírito de independência manteve-se de pai a filho, com os negros vivendo livres do medo e da crueldade de homens brancos apoiados em leis infames. Não houve, no planalto agreste

tino, pátios senhoriais ou senzalas. Os troncos humilhantes, não foram fixados e nem deixaram marcas nas esplanadas. Os capitães do mato, se chegavam à procura de trabalho, aposentavam os chicotes, os rêlhos, as virolas, as tabicas, cordas de nós, rebenques, correias, algemas, cadeado e correntes, exercitando outros misteres. A índole essencialmente pacata e timorata dos agricultores e criadores da região — eles próprios ou seus pais testemunhas dos horrores padecidos e da revolta latente entre os negros nos vales do sul da província, lá embaixo da Borborema, — depois da aventura da conquista do agreste, não se vingava da parca mediania nas costas da desesperada, cujos filhos fugiam aos magotes, quando podiam. E nem imitaram jamais os aristocratas do sul, requintados na perversa tortura contra infelizes vulneráveis ou menos corajosos, que permaneciam nos engenhos e sobradões do Recife, a sentir na carne o peso do escravagismo dissolvente, indefensável da elite branca, mácula que não sujou os caminhos e nem as gentes do planalto.

O que teve a escravidão de repugnante no sul da região apresentou no agreste da Borborema, onde chegou com os negros fugitivos nos séculos XVI e XVII. representação quase nua, no que tange às formas usuais na sociedade brasileira escravocrata. Assim brancos e pretos, mestiços e cafusos trabalhavam livres nas terras altas. Com características de escravidão, apenas mucamas de meninas, mães de leite e agregados à família indicavam traços da presença desse sistema na zona agrestina, lembrança embora apagada, das vítimas do regime escravocrata nas Américas, só comparável ao dos Estados Unidos. No decorrer do Século XIX, até a libertação oficial em maio de 1888, na região agrestense, somente os proprietários mais ricos, comerciantes abastados e vigários de freguesias mantiveram reduzidíssimo número de escravos, sempre como serviçais domésticos ordinários, e, ainda assim, no âmbito das vilas e paróquias, não raro merecendo reprovação da maioria das pessoas. Ao contrário dos perseguidores de africanos o agrestino abrigava os que apareciam fugidos, caçados por feitores dos engenhos escadenses, e, sempre que podia facilitava-lhes a continuação da viagem aos confins do agreste. Burlavam assim a lei errada em benefício do ser humano perseguido. Desafeitos ao tráfico de carne humana em virtude da economia desenvolvida no planalto, os duros pioneiros não se prestavam aos negócios que envolvessem pessoas iguais a si.

Na rota dos escravos, aberta sob o casco das boiadas, trilharam depois os que queriam ser livres, sem os percalços da luta em Palmares.

Avançavam dentro da mata, destrinchando na lâmina dos facões amolados as entreliças fortes das lianas bravias, rompendo, a custo, o emaranhado da vegetação densa e superando as dificuldades do terreno áspero da vereda do Ipojuca. Subiam as tangentes da serrania, abandonando o leito do rio nos campos de Chã-Grande, mas sem perder de vista os meandros do curso d'água protetor. Enganavam os capitães do mato nas lançantes das Ruças e os burlavam voltando à trilha nas "passagens" a vau do Crauatá e da Caatinga Vermelha, descansando nas barrocas quando arrefecia a perseguição. Alcançavam Serra Negra, de onde espalhavam-se nas terras seguras, a abrigarem, ainda, os derradeiros silvícolas regionais.

Epopéia pouco conhecida, a menos recordada nos relatos sobre a época da escravidão, destaca-se aos olhos dos que, estudando o cativo no Nordeste, a vêem como permanente expressão de luta dos negros, sem concessões, por três séculos, contra o domínio branco e a hipócrita versão oficial. O negro, apesar da ignorância em que era mantido sobre tudo, rebela-se freqüentemente e, dentro das senzalas, cantava e gemia a revolta que lhe requeimava o coração angustiado. O peito oprimido desentranhava-se-lhe em lamentos que são poemas de desesperação infinita. Nos rituais, nas danças, como nas rezas e cantigas, declamava sua rebeldia, traduzida pelos mais arrojados na fuga, e, não raro, na morte do feitor ou do parente do senhor branco, saindo o agressor livre através da porta da voluntária. O suicídio do escravo assassino não era condenado nas orações dos negros velhos nas cerimônias de exorcismo. Estava justificado do crime pelas razões de vingança desesperada e a coragem da morte. Matou e matou-se. Ou matou e mataram-no. Levado à revolta por injustiças inoportáveis — ia-se coberto do perdão de seus deuses.

E dessa epopéia, quase ignorada, ficou a rota que levava, do sul para o norte; da fria e úmida mata para o agreste seco e ensolarado, negros sedentos de liberdade. Ajudaram a criar, nas terras altas, uma sociedade melhor e mais limpa do que aquela que, nas praias do litoral, sujavam com o sangue de seus irmãos escravizados a história de uma aristocracia amolecida de privilégios, e de caráter elitista.

BIBLIOGRAFIA

- ANDRADE, Gilberto Osório, LINS, Rachel Caldas. **Pirapama — Um Estudo Geográfico e Histórico**. 1ª ed., Recife, Massangana, 1984.
- BARBALHO, Nelson. **Cronologia Pernambucana — Subsídios para a História do Agreste e do Sertão**. 1ªs. eds. Recife, FIAM, 1982/1984, 1º ao 15º volumes.
- BELO, Júlio. **Memórias de um Senhor de Engenho**. 1ª ed., Rio de Janeiro, José Olympio, 1937.
- JÚNIOR, Manuel Diégues. **O Engenho de Açúcar no Nordeste**. 1ª ed., Rio de Janeiro, Ministério da Agricultura, 1952.
- FARIAS, Antônio & CASTRO, Lamartine. **Homens e Causas de Gravatá**, 1ª ed., Recife, A Tribuna, 1942.
- FREYRE, Gilberto. **Casa Grande e Senzala**, 17ª ed., Rio de Janeiro, José Olympio, 1975.
- GALVÃO, Sebastião de Vasconcelos. **Dicionário Corográfico, Histórico e Estatístico de Pernambuco**. 1ª ed., Rio de Janeiro, I v. Imprensa Nacional, 1908.
- MELLO, J. A. Gonsalves. **Três Roteiros de Penetração do Território Pernambucano — 1738-1802**, 1ª ed., Recife, Universitária, 3º v. 1966.
- GOULART, José Alípio. **Da Fuga ao Suicídio — Aspecto de Rebelião dos Escravos do Brasil**. 1ª ed., Rio de Janeiro, Conquista, 1972.
- FREYRE, Gilberto & SALDANHA, Nelson. **História Social da Agro-Indústria Canavieira**. 1ª ed., Recife. Museu do Açúcar, 1974.
- LINS, Alberto Fredrico. **Gravatá**. 1ª ed., Recife, Imprensa Oficial, 1975.
- . **O Caminho do Ipojuca**, originais no arquivo de História da UFPE.
- . **História de Gravatá — Contribuição ao Estudo do Agreste Pernambucano**, originais no arquivo da FIAM para publicação oportuna.

MACHADO, Maria Helena P. T., **Crime e Escravidão**. 1ª ed., São Paulo, Brasiliense, 1987.

MOURA, Clóvis. **Rebelião da Senzala — Quilombos, Insurreições, guerrilhas**. 1ª ed., Rio de Janeiro, Conquista, 1972.

COSTA, F. A. Pereira da, **Anais Pernambucanos**, 1ª ed., Recife, Arquivo Público Estadual, vols. I a X, 1951/1966.